



Da Síria a São Paulo

A História de Rizkallah Jorge gravada em bronze no Cemitério da Consolação

Renata Geraissati Castro de Almeida

Colaboração: Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis

Portico de entrada do Cemitério da Consolação



Diretora: Adriana Rizkallah

A Morte e a Legado

Os mausoléus representam o último momento em que um indivíduo consegue ter controle sobre a memória que será perpetuada sobre si. As artes tumulares são parte do mosaico que fornece os subsídios intencionalmente propostos para a composição do que será narrado a respeito de uma pessoa. Percebe-se que a morte é também uma parte relevante nos ritos sociais, e as formas de entendê-la detêm um papel decisivo na formação de uma identidade coletiva.

Nem sempre os corpos foram enterrados em cemitérios. O historiador Philippe Ariès observa que, na Idade Moderna, houve uma transformação na maneira como a sociedade encarava a morte, que passou a ser vista como uma ruptura definitiva com a vida cotidiana, resultando em um processo de laicização.

Essa mudança teve implicações profundas nos rituais funerários, deslocando os sepultamentos das igrejas para cemitérios, o que marcou uma clara separação entre vivos e mortos. Os sepultamentos deixaram de ser anônimos, refletindo um movimento de individualização. Ariès destaca que “pretendia-se agora ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado” (ARIÈS, 1989.p.50).

No Brasil, essa transição foi formalizada em 1º de outubro de 1828, quando D. Pedro I decretou o “estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos templos”, atribuindo às Câmaras Municipais



Mausoléu da família Mattarazzo, o maior do Cemitério da Consolação, é um dos exemplos da importância da representação tumular para a perpetuação da memória do ente falecido.

a responsabilidade de fiscalizar o cumprimento dessa norma. A medida tinha como objetivo principal preservar a “salubridade da atmosfera” em um momento em que as teorias miasmáticas, que associavam “maus odores” à disseminação de doenças, eram amplamente aceitas. A criação de cemitérios fora do perímetro urbano tornava-se, assim, uma necessidade para promover um ambiente mais saudável e higiênico.

Apesar do decreto, a prática de enterrar os mortos em espaços religiosos não foi imediatamente abandonada. Isso se devia à crença, profundamente enraizada, de que os corpos deveriam ser sepultados em solo sagrado, dentro das igrejas, na esperança de que a proximidade dos santos facilitasse a entrada das almas no Paraíso.

Devemos frisar, contudo, que desde 1775, o Cemitério dos Aflitos, no bairro da Liberdade, atuava em favor do sepultamento de indigentes, escravos e sentenciados, mostrando uma diferença entre as classes sociais da cidade no momento de sua morte.

Foi apenas na década de 1850, diante das diversas epidemias que assolavam o país, que a necessidade de cemitérios se tornou premente. Em 1855, foi escolhido o local para o primeiro cemitério público de São Paulo, o Cemitério da Consolação, que foi inaugurado em 10 de julho de 1858, com a aprovação da Cúria e sob a administração da Câmara Municipal.

Com o crescimento da população e a demanda por locais adequados para os sepultamentos, outros cemitérios foram inaugurados nas décadas seguintes, como o Cemitério do Araçá (1887) e o Cemitério do Brás, conhecido como “4ª Parada” (1893).

O mapa de São Paulo (1800-1874) dá uma noção da distância do Cemitério dos Aflitos para o Pátio do Colégio, onde São Paulo Nasceu.



O Cemitério da Consolação: espaço de projeção social

A escolha de implementar o primeiro cemitério da cidade na Consolação foi feita considerando “a elevada altitude da região, a direção dos ventos dominantes, a qualidade do solo e a sua grande distância” da cidade. Sua localização, na época afastada do centro, foi estratégica, visando atender à crescente demanda por sepultamentos, especialmente durante surtos de epidemias.

O cemitério foi projetado para refletir a arquitetura neoclássica, popular na época, e ao longo dos anos, foi ampliado. Em 1902, o escritório de Ramos de Azevedo foi encarregado de iniciar uma reforma no local e reconstruir sua capela, marcando o início de um processo de elitização.

O Cemitério é conhecido por abrigar uma vasta coleção de obras de arte em seus mausoléus e túmulos, que exibem uma impressionante diversidade de estilos, desde o neogótico até o Art déco, passando pelo modernismo. Muitas dessas obras foram projetadas por renomados artistas e arquitetos brasileiros, incluindo nomes como Victor Brecheret, Galileu Emendabili e Bruno Giorgi. Essas construções não apenas refletem a riqueza e o poder das famílias que as encomendaram, mas também capturam o gosto e as tendências artísticas de suas respectivas épocas. O cemitério, assim, se transforma em uma galeria a céu aberto, onde cada mausoléu e túmulo conta uma história que transcende a morte.

Entre os túmulos mais visitados do Cemitério da Consolação está o de Olívia Guedes Penteado, uma das grandes incentivadoras das artes no Brasil e membro de uma tradicional família produtora de café. Sua sepultura é adornada pela impressionante escultura “O Sepultamento,” de Victor Brecheret, que se destaca por seus mais de três metros de altura e dois metros de comprimento, representando a Pietà.

Outro destaque do local é o grandioso mausoléu da família Matarazzo. O local onde repousam os restos mortais de um dos mais poderosos empresários de seu tempo, é maior da América Latina, com 20 metros de altura e 150 metros de comprimento, adornado com inúmeras esculturas em bronze. Este mausoléu é um poderoso símbolo do poder econômico que caracterizou a elite paulistana durante o século XX.



Escultura "O Sepultamento" de Victor Brecheret, no túmulo de Olívia Guedes Penteado.

O Cemitério da Consolação também abriga o mausoléu de Ramos de Azevedo, um dos mais importantes arquitetos de São Paulo, responsável por diversas obras na cidade, inclusive o próprio pórtico de entrada e a capela do local.

O túmulo de Monteiro Lobato, célebre escritor e criador do Sítio do Picapau Amarelo, cujas histórias marcaram várias gerações também encontra-se no local.

Da esquerda para a direita, os túmulos de Ramos de Azevedo, Mario de Andrade, Monteiro Lobato e da Marquesa de Santos.

Também repousa ali o corpo de Mário de Andrade, um dos principais escritores modernistas brasileiros, além de poeta, romancista e crítico de arte. Podemos visitar também o jazigo de Washington Luís, último presidente da República Velha, deposto em 1930, e de Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, famosa amante de Dom Pedro I, cuja vida e influência a tornam uma figura central para os estudiosos do período imperial brasileiro.



Inserido nesse processo de individualização da morte, o Cemitério da Consolação desempenhou um papel importante nas representações sociais da cidade.

Escolhido por muitos imigrantes que alcançaram sucesso em São Paulo, o local se tornou um símbolo de status para a construção de seus mausoléus. Para esses imigrantes, era importante compartilhar o espaço onde a elite paulistana, influentes políticos, engenheiros, doutores e barões do café, estavam enterrados.

O espaço cemiterial da Consolação revela uma memória imigrante permeada pelas disputas políticas e econômicas da cidade no passado. Padilha observa que, nos anos 1920, alguns grupos incitavam o nacionalismo, aspirando a mais espaço para os “verdadeiros” brasileiros.

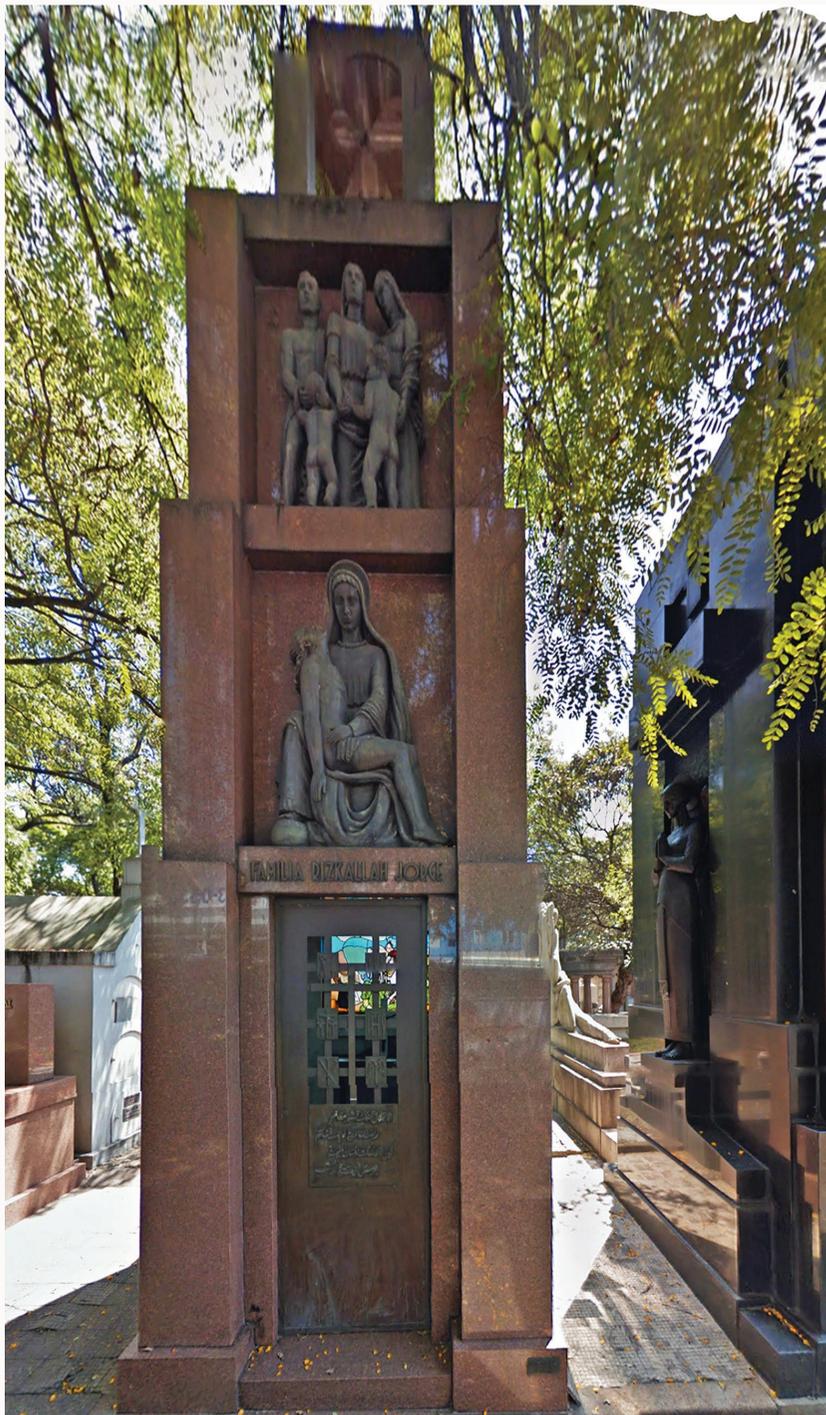
Nesse contexto, os imigrantes buscaram formas de garantir espaço e reconhecimento social, construindo mansões na Avenida Paulista e outras alternativas no aparelhamento urbano que os integravam à “aristocracia” paulista (PADILHA, 2001. p.68).

Em resposta à atitude xenófoba da época, os imigrantes procuraram no Cemitério da Consolação um espaço para celebrar a si e valorizar temáticas como família e trabalho, demonstrando sua integração à elite local. Como destaca Timpanaro, “no Consolação era celebrada a memória da família unida e forte, do trabalho duro, mas recompensador, da presença de Deus e da fé em todos os momentos. Enfim, da trajetória de quem ‘fez a América’ e buscou reconhecimento e notoriedade” (TIMPANARO, 2006, p.221).



Ao ser inaugurado, o Cemitério da Consolação não tinha o caráter elitista que adquiriu no início do Séc. XIX. Ao contrário, serviu à Capital em um momento de surto de doenças, sepultando muitos vitimados de classes sociais diversas. Ao lado, uma vista do local em 1890 e abaixo, no dia de Finados, em 1928.





Na representação escultórica do túmulo de Rizkallah, uma das cenas destaca uma roda dentada, uma marreta de ouro e uma balança. Todas as figuras são masculinas e possuem músculos marcados, indicando serem trabalhadores. Remeter ao trabalho fabril era uma representação comum entre os imigrantes, pois simbolizava uma nova moral baseada no trabalho árduo como caminho para o sucesso.

A marreta de ouro simboliza tanto o ofício de artífice de Rizkallah quanto sua atuação no setor construtivo. O homem segurando uma balança, instrumento comercializado na Casa da Bóia, indica possivelmente a Justiça.

A segunda cena esculpida no túmulo reflete a religiosidade da família. Ao centro, um chefe religioso está acompanhado por duas mulheres e uma criança. Essa representação alude à doação feita para a construção da Igreja São Jorge, que aparece nas mãos da criança, da mulher e do chefe religioso.

Também são representados dois edifícios, dos quais um parece ser o Colégio José Bonifácio, erguido com doações de Rizkallah, e o outro, uma igreja.

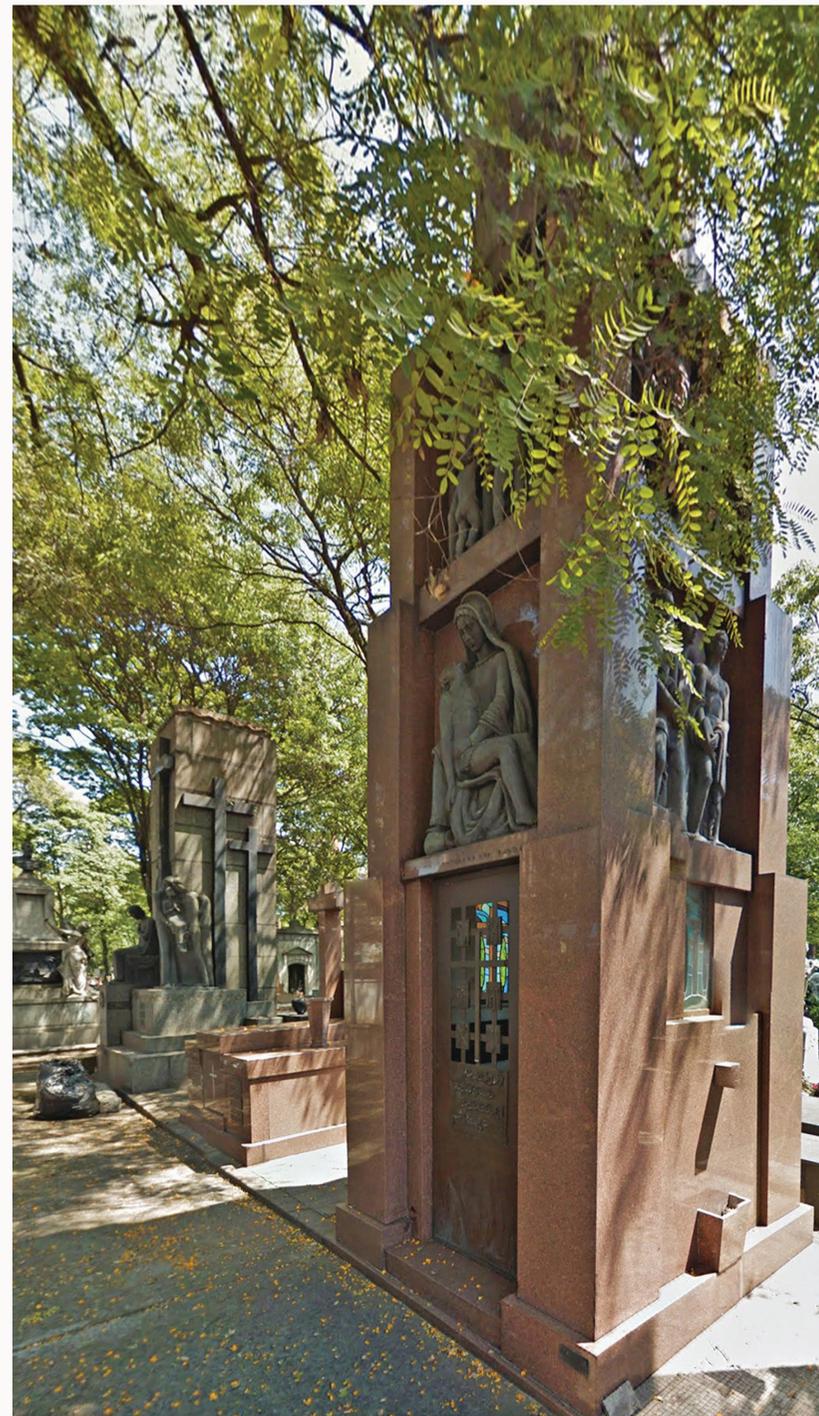
Por fim, na terceira cena, duas mulheres estão com duas crianças, destacando os valores da família, como união, carinho e força, elementos fundamentais na comunidade sírio-libanesa.

No interior do túmulo, um vitral retrata São Jorge matando o dragão com sua lança, associando o patriarca à figura do santo e evocando a imagem de um guerreiro. A placa em árabe no túmulo de Rizkallah reforça sua identidade como imigrante, ligando-o à sua terra natal e destacando suas origens. No interior da sepultura constam as inscrições Rizkallah Jorge 1869 (Alepo, Síria), 1949 (S. Paulo). O fato de suprimir o país indica possivelmente a preponderância que a cidade teve para a construção de sua identidade.

A importância simbólica do túmulo de Rizkallah Jorge se insere na rica história do Cemitério da Consolação, que desde sua inauguração tem sido um local relevante para a Capital paulista. O Cemitério da Consolação não é apenas um local de descanso para os mortos, mas também um patrimônio cultural da cidade de São Paulo. Em 1972, foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), garantindo sua preservação.

Esse tombamento reconhece o valor artístico e histórico do local, protegendo suas obras de arte e a arquitetura dos mausoléus. Além disso, o cemitério também é um importante ponto turístico, atraindo visitantes que se interessam pela história da cidade e pelas personalidades ali sepultadas.

Visitas guiadas são organizadas regularmente, permitindo que o público explore o local e aprenda mais sobre a história de São Paulo por meio das histórias contadas pelas lápides e monumentos. Atualmente, o Cemitério da Consolação continua em funcionamento, recebendo sepultamentos e oferecendo um espaço de memória para as famílias paulistanas.

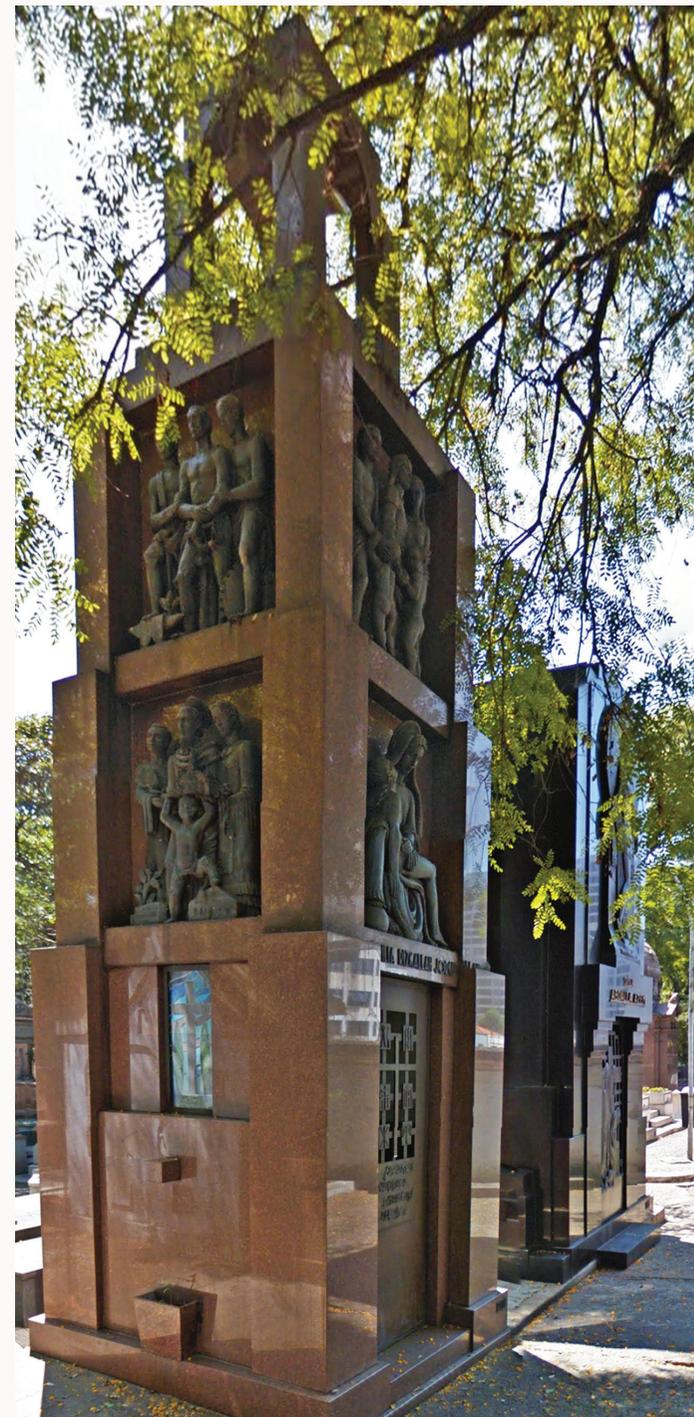




A vida e a morte de Rizkallah Jorge Tahanian não são apenas parte da história de um imigrante, que, como outros, encontraram na capital paulista as condições de prosperarem e de se inserir na sociedade com partícipes importantes de seu crescimento.

Sua trajetória é peça importante na memória coletiva de São Paulo, imortalizada nas pedras e nas histórias contadas por cada túmulo do Cemitério da Consolação.

Embora tantas vezes vandalizado, como o próprio túmulo de Rizkallah Jorge, já o foi, a preservação do Cemitério da Consolação e o seu conjunto escultórico e arquitetônico é crucial para manter viva a memória da cidade, um espaço onde o passado se mantém presente através da arte, da arquitetura e das memórias daqueles que ali repousam.



Bibliografia

ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. Um artífice na urbanização paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895-1949). São Paulo: Annablume, 2018.

ARIÉS, Philippe. Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média. Lisboa: Teorema, 1989.

GIACOIA Jr., Oswaldo. O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer: um percurso histórico. Saber acadêmico - n.º 06 - Dez. 2008.

Lei de 1º de outubro de 1828. Dá nova forma às Câmaras Municipais, marcas suas atribuições, e o processo para a sua eleição, e dos Juizes de Paz. In: COLEÇÃO das Leis do Império do Brasil de 1828. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1878. Leia mais em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-1-10-1828.htm

PADILHA, Márcia. A cidade como espetáculo; publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume Editorial, 2001.

Processo 16264/1970, de tombamento "túmulos de personalidades do Cemitério da Consolação". Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2013/12/Ipatrimonio-Processo-16264-70-Cemiterio-da-Consolacao-Vol1.pdf>

SÃO PAULO. Cidade. Em Cartaz: guia da Secretaria Municipal de Cultura. n. 17, set. 2008.

TIMPANARO, Mirtes. A morte como memória: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, Maurício. Onde fica a obra 'O Sepultamento', de Victor Brecheret. A escultura é de 1923. Veja, 2017. Leia mais em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/escultura-o-sepultamento-onde-fica>

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22rizkallah%20jorge%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=15275>

SANTOS, Amália; KOK, Glória. O Cemitério dos Aflitos e outros territórios negros da cidade de São Paulo. ArchDaily. 20 de setembro de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/948368/o-cemiterio-dos-aflitos-e-outros-territorios-negros-da-cidade-de-sao-paulo/5f6ca4fd63c0177d10000673-o-cemiterio-dos-aflitos-e-outros-territorios-negros-da-cidade-de-sao-paulo-imagem?next_project=no

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. O Cemitério da Consolação e a Assembléia Legislativa Provincial. São Paulo, 12 de dezembro de 2003. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=277233>

